Tabus da teoria social

A teoria social não mantem uma discussão aberta sobre temas fundamentais para a compreensão das sociedades modernas, como sejam: qual é a natureza da sociedade humana; qual é a natureza do estado e do estado social, em particular; qual é a natureza da justiça; qual é a natureza da ciência. Em qualquer destes casos os cursos de sociologia tomam como consensuais e conhecidas as respostas, tornando quaisquer perguntas sobre tais temas deslocadas, exóticas, impertinentes, repugnantes. Usam, sobretudo, duas ideias para obter este resultado: as sociedades modernas são excepcionais, tanto na história humana como na espécie humana como na natureza. A teoria social faz a apologia das sociedades modernas na base da sua deificação, isto é, reificação elevada à extra-terrestrialidade das classes dominantes, a que modestamente os sociólogos são convidados a integrar. Com exclusão do meio ambiente, das sociedades humanas não modernas, das pessoas que não estejam integradas nas sociedades modernas. Para obter esse efeito irrealista e contrafactual, a teoria social faz tabu estratégico de vários temas, como a tecnologia (Latour, 2007) (para evitar considerar o ambiente como variável a estudar), a fabricação de seres humanos (Lahire 2012:125; Therborn 2006:3) (para evitar considerar a animalidade da espécie), a evolução e a instabilidade das sociedades modernas (Burawoy, 2004; Habermas, 1987) (para evitar considerar a acção colectiva e a natureza da política), a violência (Wieviorka 2005:68; Malešević 2010:17) (para evitar considerar o estado real).

A pergunta “qual é a natureza?” deixa ansiosos os sociólogos, que entendem não ser seu o estudo da natureza. O estudo social, apresentado pela teoria social, é o estudo de um Olimpo formado por indivíduos livres e iguais, enquadrados por estruturas racionais, infelizmente cercados de dejectos impuros, objectos das ciências naturais, em particular da biologia, da ciência da evolução, ou da história natural, com as quais a teoria social quer evitar manter contactos, a pretexto da especial complexidade da sociedade, divinizada, e da intimidade do sociólogo com tal divindade. Esta discriminação incorporada na teoria social, contra tudo o que não seja classificado de moderno, nosso, próximo da sociologia e dos sociólogos, inclui também as ideologias: sistemas de raciocínio utilizados pelos políticos, estudados pelas ciências políticas, para lidar com as contingências impostas pelas tecnologias, pelos problemas demográficos, pela instabilidade social e institucional, pelas violências, pelo meio ambiente, à margem, nas margens do que é a sociedade propriamente dita.

A repugnância ensinada nos cursos de sociologia quanto à biologia e à ideologia, e às respectivas discussões sobre a evolução e a acção colectiva, a favor das ideias de modernidade ideal perseguida e nunca alcançada, virtual, deixada por Deus para nossa orientação, e de agência, potencia divina e imbatível de cada ser humano realizar os seus sonhos, desde que adopte a estratégia da filosofia positiva. O fundamental, nesta teoria, é a desqualificação do não moderno e da impotência ou da agência negativa individual ou colectiva. O moderno, como o império, não exclui nem oprime: civiliza (Hirschman, 1997).

Referências:

Burawoy, M. (2004). For a Sociological Marxism: The Complementary Convergence of Antonio Gramsci and Karl Polanyi. *Politics & Society*, (31), 193–261. Retrieved from http://pas.sagepub.com/content/31/2/193.full.pdf

Habermas, J. (1987). Tendencies toward Juridification. In *The theory of Communicative Action* ([1981], pp. 356–373). Cambridge: Polity Press.

Hirschman, A. O. (1997). *As Paixões e os Interesses*. Lisboa: Bizâncio.

Lahire, B. (2012). *Monde pluriel. Penser l’unité des sciences sociales* (Couleur de). Paris: Seuil.

Latour, B. (2007). *Changer de société, refaire de la sociologie*. Paris: La Découverte.

Malešević, S. (2010). *The Sociology of War and Violence*. Cambridge: Cambridge University Press.

Therborn, G. (2006). Meaning, Mechanisms, Patterns and Forces: an Introduction. In G. Therborn (Ed.), *Inequalities of the World – New Theoretical Frameworks, Multiple empirical approaches* (pp. 1–58). London: Verso.

Wieviorka, M. (2005). *La Violence*. Paris: Hachette Littératures.